

DUPLOS CANIBAIS: UMA ANÁLISE DA OBRA LITERÁRIA DE THOMAS HARRIS E DA OBRA TELEVISIVA DE BRYAN FULLER

DOUBLE CANIBALS: AN ANALYSIS OF THE LITERARY WORK OF THOMAS HARRIS AND THE TELEVISION WORK OF BRYAN FULLER

Recebido: 24/07/2023 Aprovado: 23/10/2023 Publicado: 29/12/2023

DOI: 10.18817/rlj.v7i2.3341

Thaíne Fernanda Sell¹

Orcid ID: <https://orcid.org/0000-0002-9471-4594>

RESUMO: O seguinte trabalho consiste em uma pesquisa sobre duas obras, uma literária e outra televisiva. A obra literária é o romance *Red Dragon*, de Thomas Harris, de 1981, e a obra televisiva é *Hannibal*, de Bryan Fuller, produzida e exibida de 2013 a 2015. O principal objetivo deste trabalho é fazer a análise dos dois personagens principais das referidas obras, Will Graham e Hannibal Lecter. Para essa análise, será utilizada a teoria do duplo, estudada por Otto Rank e Freud. Desta maneira, pretende-se analisar de que maneira a teoria do duplo pode servir como resposta ao que Bryan Fuller desenvolve em sua adaptação da obra literária de Thomas Harris. Com a análise, foi possível perceber que o duplo é uma resposta possível às perguntas levantadas na adaptação. O contraste entre os personagens fica evidente em diversos momentos da narrativa e, principalmente, na adaptação.

Palavras-chave: Thomas Harris; Bryan Fuller; Duplo.

ABSTRACT: The following work consists of a research on two works, one literary and the other television. The literary work is the novel *Red Dragon*, by Thomas Harris, from 1981, and the television work is *Hannibal*, by Bryan Fuller, produced and exhibited from 2013 to 2015. The main objective of this work is to analyze the two main characters of these works, Will Graham and Hannibal Lecter. For this analysis, the theory of the double, studied by Otto Rank and Freud, will be used. In this way, it is intended to analyze how the theory of the double can serve as a response to what Bryan Fuller develops in his adaptation of the literary work of Thomas Harris. With the analysis, it was possible to perceive that the double is a possible answer to the questions raised in the adaptation. The contrast between the characters is evident in several moments of the narrative and, mainly, in the adaptation.

Keywords: Thomas Harris; Bryan Fuller; Double.

Introdução

O presente trabalho reflete mais de dois anos de pesquisa com obras muito caras a mim. A primeira consiste no livro *Red Dragon* de Thomas Harris, publicado em 1981, um clássico dos romances de suspense, no qual aparece pela primeira vez a figura do psiquiatra Hannibal Lecter. A segunda é a série *Hannibal*, iniciada em 2013 e finalizada em 2015, produzida pela NBC, criada pelo roteirista e produtor norte-americano Bryan Fuller. Ambas as obras possuem características únicas e utilizam o melhor de cada mídia em favor da produção, usando histórias similares.

¹ Formada em Letras Português Bacharelado pela Universidade Federal de Santa Maria. Mestra em Letras Literatura pela mesma instituição. Estudante de doutorado em Letras Literatura também na UFSM, com apoio de bolsa Capes. E-mail: thaine.sell@gmail.com

Começando por Thomas Harris, somos apresentados a personagens bem construídos, que têm suas mentalidades exploradas de forma complexa na narrativa. O que ocorre na série é uma releitura e uma reconstrução desses mesmos personagens, em que Bryan Fuller utiliza-se de diversos efeitos cinematográficos e novos enredos para fazer uma leitura ainda mais profunda dessas complexas mentalidades.

A proposta de pesquisa para este trabalho foi a análise da construção dos personagens Will Graham e Hannibal Lecter na narrativa de Thomas Harris e na série televisiva, produzida e dirigida por Bryan Fuller. Para essa análise, foi utilizado como ponto de partida efeito do duplo, teorizado por Otto Rank, e como ele pode ser uma resposta à muitas das representações criadas por Bryan Fuller em sua releitura desses personagens.

O objetivo geral do presente trabalho é analisar as obras citadas e entender de que maneira o problema do duplo pode ser percebido como uma resposta à construção dos personagens que são protagonistas dessas obras. Entre os objetivos específicos deste trabalho, estão os seguintes:

- Fazer um breve percurso pelas obras propostas, falando de seu enredo e analisando suas particularidades, assim como suas semelhanças.
- Entender as maneiras pelas quais a teoria do duplo pode servir de resposta para questões que os enredos apresentam.
- Analisar como o duplo foi construído na obra audiovisual e como ele pode ser uma resposta para as escolhas feitas pelo produtor Bryan Fuller a fim de fazer a releitura dos personagens.
- Verificar de que maneira o contraste entre Will e Hannibal é colocado em constante evidência.

A literatura e suas representações em outros tipos de plataformas, como a audiovisual, por exemplo, é um assunto bastante presente, tanto no meio cultural, quanto no meio acadêmico. Mesmo assim, as ramificações que essas representações podem alcançar são muitas e estudá-las implica trazer ainda mais conhecimentos para essa área em constante ascensão. Trabalhar essa interdisciplinaridade entre literatura e cinema traz novas discussões e novas perspectivas sobre as duas áreas. Pois, segundo Umberto Eco (1997, pg. 53): “A pesquisa deve dizer sobre o objeto coisas que não tenham já sido ditas ou rever com uma óptica diferente coisas que já foram ditas”

Na pesquisa proposta, o ponto de partida da metodologia se dá com a revisão de literatura dos textos de Thomas Harris, com foco em *Red Dragon* (1981), assim como assistindo criticamente as três temporadas do seriado *Hannibal* (2013), de modo a esclarecer aspectos como estruturação, tema e, principalmente, apresentação e representação dos personagens e seu desenvolvimento. Além disso, inicialmente, busca-se compreender as origens das duas obras, assim como a cultura na qual estão inseridas. Esse primeiro ímpeto de entender as ideias das obras e a maneira como foram produzidas terão como objetivo depreender a lógica pela qual elas foram produzidas.

Para o aporte teórico, serão pesquisados textos nos quais a teoria do duplo e suas variantes são encontradas. Com isso, será estabelecido um referencial teórico, que servirá de base para a análise proposta.

A teoria do duplo constitui o referencial teórico central a partir do qual foi realizada a pesquisa. É um estudo psicológico, no qual se estudam as ramificações que o *eu* psicológico pode criar. Nesse caso, nos personagens criados por Thomas Harris em *Red Dragon* e, principalmente, em sua representação dentro da série *Hannibal*.

Quando a temática do duplo é abordada, alguns elementos se destacam entre as discussões, entre eles estão a culpa, o reflexo, a morte e a perda de identidade.

Segundo Otto Rank (2013), que teoriza sobre o duplo:

O sintoma mais evidente desse estado psíquico parece ser um forte senso de culpa que obriga o herói a não assumir a responsabilidade de certos atos de seu ego, mas sim transferi-la a um outro Eu, um duplo, que personifique o próprio diabo ou que seja criado por um pacto diabólico.

Essa definição do duplo como produto do medo ou da culpa é bastante presente na literatura. Em *O retrato de Dorian Gray* esse aspecto fica evidente. Enquanto vive uma vida cheia de pecados e escolhas ruins, nenhuma marca pode ser notada em Dorian Gray; enquanto isso, seu quadro, pintado por seu amigo, sofre todas as alterações físicas, que são consequência das ações daquele que serviu de modelo para ele. O quadro é o duplo de Dorian Gray, resultado de uma súplica feita pelo próprio personagem para que nunca envelhecesse e nunca perdesse sua beleza:

Como é triste! Eu vou ficar velho e horrendo e medonho. Ele jamais envelhecerá além deste dia de junho... Se pudesse ser diferente! Se eu

permanecesse sempre jovem e o retrato envelhecesse! Por isso -por isso- eu daria tudo! Sim, não há nada em todo o mundo que eu não daria! Daria a minha alma por isso! (WILDE, 2012, pg.35).

O quadro, a partir desse momento, passa a ser seu duplo, sendo resultado de uma súplica do próprio criador. Embora não saiba ainda que seu pedido foi atendido, o desejo de tornar seu quadro em seu duplo que sofrerá as intempéries da vida, é consciente.

A teoria do duplo propõe um *eu* fragmentado e que se torna visível, semelhante ao original. Em *Hannibal*, essa fragmentação aparece com bastante frequência. Embora contrastem em muitos aspectos, uma das faces de Will parece refletir exatamente o que *Hannibal* é, fazendo com que ele seja, assim, seu duplo. Com a análise da série, é possível perceber que, com o recurso visual, torna-se mais fácil salientar certos aspectos ou esconder alguns em detrimento de outros. No estudo de Otto Rank, ele expressa que a obra cinematográfica torna mais fácil entender e ver claramente a teoria do duplo:

Talvez daí resulte que a representação cinematográfica, que em vários aspectos imita a dinâmica dos sonhos, também expresse, em uma clara e significativa linguagem pictórica, certos fatos e relações psicológicas que o autor geralmente não pode colocar em palavras acessíveis, e, com isso, facilita-nos o acesso à sua compreensão (RANK, 1925, p.10).

Uma representação cinematográfica oferece diversos recursos visuais, os quais o leitor não tem acesso. O leitor utiliza apenas a imaginação para criar imagens fantásticas e oníricas. O cinema é capaz de fazer isso através de efeitos visuais, jogos de câmera, cores, fotografia, entre outros. Em *Hannibal*, o jogo de câmera e som é essencial para que muitas partes do enredo façam sentido.

Quando se fala em representações cinematográficas, é preciso também entender brevemente o que se entende por adaptação neste trabalho, considerando ser *Hannibal* uma adaptação vinda de um romance.

O termo para adaptação enquanto “leitura” da fonte do romance, sugere que assim como qualquer texto pode gerar uma infinidade de leituras, qualquer romance pode gerar um número infinito de leituras para adaptação, que serão inevitavelmente parciais, pessoais, conjunturais, com interesses específicos (STAM, 2006, p. 27).

Outro tema que é intrínseco ao aspecto do duplo é a morte, sendo essa o resultado do assassinato do duplo, que na verdade constitui o próprio suicídio do criador desse duplo:

O assassinato frequente do duplo, através do qual o herói procura se proteger definitivamente das perseguições de seu ego, é na verdade um suicídio – e isso sob a forma indolor de matar um outro Eu: uma ilusão inconsciente de separação de um Eu mau, punível, que, aliás, parece ser uma condição prévia de qualquer suicídio. O suicida não é capaz de eliminar o medo da morte decorrente da ameaça ao seu narcisismo através de uma anulação direta. Ele recorre apenas a uma possível libertação, o suicídio, mas é incapaz de realiza-lo de outra forma que não a do fantasma de um temido e odiado duplo, porque ele ama demais o seu Eu para causar-lhe dor, ou para admitir a ideia de sua eliminação na prática... o duplo se revela como manifestação de um estado psicológico de qual o indivíduo não pode libertar-se daquela fase do desenvolvimento em que o eu se ama narcisisticamente. Ele volta a confrontá-lo sempre, em todos os lugares, e inibe suas ações em uma determinada direção (RANK, 1925, p. 133).

Aquele que cria o duplo não consegue se desfazer da ideia de que está sendo perseguido por ele; isso faz com que ele busque matá-lo. Mas não pode matá-lo sem tirar a própria vida. O duplo estará sempre na sombra daquele que o criou, e essa perseguição acaba por se tornar insuportável, fazendo com que ele não consiga mais viver com aquela sombra. A forma como esse eu psíquico sempre volta a confrontar seu duplo evidencia uma obsessão por parte do *eu* com aquele que é seu duplo. Otto Rank ainda fala sobre essa esfera da morte dentro da teoria:

O impulso de se ver livre do sinistro adversário de forma violenta faz parte, conforme vimos, dos traços essenciais do motivo, e quando se cede a esse impulso... fica patente que a vida do duplo está intimamente ligada à da própria pessoa (RANK, 1925, p. 32).

1 - Dragão vermelho de Thomas Harris

Em *Red Dragon*, é apresentado pela primeira vez o canibal Hannibal Lecter, que passou a ser o personagem mais conhecido criado pelo autor. Embora não seja um personagem central no romance de Harris, suas participações trazem sempre diálogos icônicos, que são essenciais para o desenrolar do enredo, assim como são essenciais para o presente artigo.

O personagem central de *Red Dragon* é Will Graham, um agente especial do FBI, o qual foi aposentado após o episódio traumático de capturar Hannibal Lecter. No início da narrativa, Will vive com sua esposa em uma casa de praia, longe da vida de investigador. Porém, é tirado dessa vida tranquila pela visita de Jack Crawford, que precisa de sua ajuda para captura um novo assassino.

A mentalidade de Will é um dos pontos centrais do livro, pois acompanhamos os acontecimentos sob sua perspectiva, que apresenta um bom panorama do que acontece em sua mente e fora dela. O que Will faz, que o torna tão diferente dos outros agentes, é entrar na mente do assassino, sendo capaz de se colocar em seu lugar e assim capturá-los. Esse dom atribuído a Will Graham é explorado de modo sutil na narrativa, na qual temos acesso a seus pensamentos em diversos momentos e percebemos que sua maneira de pensar é diferente e causa certo estranhamento e desconforto, tanto para ele quanto para outros personagens.

Graham tinha muitos problemas de gosto. Frequentemente, seus pensamentos não eram de bom gosto. Não havia compartimentos estanques em sua mente. O que ele via e aprendia misturava-se com tudo mais. Algumas dessas combinações era de difícil convívio. Mas não podia prevê-las, bloqueá-las e reprimi-las. Seus valores de decência e decoro prosseguiram, chocados com suas associações, apavorados com seus sonhos; uma pena que na arena de ossos do seu crânio não houvesse fortalezas para o que ele amava. Suas associações chegavam com a velocidade da luz. Seus julgamentos de valores mantinham-se sempre no passo de uma leitura correspondente. Nunca conseguiram segurar e dirigir seu pensamento (HARRIS, 2018, p. 26-27).

Acompanha-se, a partir da visão do narrador, a percepção que Will tem do que ocorre em sua mente confusa. O personagem sabe que sua mente cria certas associações que nem sempre são boas, e que nela tudo isso se funde, sem separação entre coisas boas e coisas ruins. Consoante a isto, ele entende a utilidade dessa sua habilidade, e com ela ajuda o FBI a capturar o assassino conhecido como Dragão Vermelho, que dá título ao livro.

Para seguir com a investigação, Will necessita da ajuda de Hannibal Lecter, quem não vê desde que o capturou. A interação que ocorre entre Will e Hannibal é tensa, na qual Hannibal tenta desvendar o que está ocorrendo na vida de Will e Will tenta fugir da influência que Hannibal é capaz de causar em seus pensamentos.

Ao sair de sua primeira visita da prisão, Will é tomado pela sensação de que Hannibal Lecter saiu com ele, como é possível ver na seguinte passagem: “Teve a sensação absurda de que Lecter saíra com ele. Parou na parte externa da entrada e olhou em volta, para ter certeza de que estava só” (HARRIS, 2018, p.80). Percebe-se que Hannibal tem considerável poder sobre a mente de Will, assim como Will claramente desperta o interesse de Hannibal, provavelmente por ele ser seu captor, quando antes ninguém teve a mesma competência para capturá-lo.

O enredo segue na tentativa de desvendar os assassinatos do Dragão Vermelho e Will Graham envolve-se cada vez mais e sua família também é colocada em perigo. Isso faz com que ele mande sua família para um lugar mais seguro. Porém, segredos de seu passado começam a ser revelados, como quando foi internado em um hospital psiquiátrico depois de matar um assassino de um caso em que estava trabalhando.

A história termina tragicamente, com o dragão vermelho sendo capturado e morto, mas com Will Graham sofrendo danos profundos, além dos que já possuía. O final é desesperançoso, com Graham atormentado por seus pensamentos e afastado de sua família, tudo como consequência do que Hannibal faz.

2 - *Hannibal*, de Bryan Fuller

A série *Hannibal*, produção de Bryan Fuller, consiste em uma recriação dos livros de Thomas Harris, principalmente *Red Dragon*. A série está dividida em três temporadas, cada uma com uma média de 13 episódios. A trama se inicia com Jack Crawford pedindo a ajuda de Will para desvendar o caso de um assassino, quando Will estava vivendo como um simples professor, semelhante ao que ocorre na narrativa literária.

A trama se desenvolve com Will desvendando os mistérios dos assassinatos e indo à terapia de Hannibal Lecter. Will começa a adoecer na medida em que os assassinatos se tornam mais obscuros e ele é atormentado por ter assassinado Garrett Jacob Hobbs. Ele passa a ter febres, dores de cabeça, perdas de memória e noção de tempo, assim como alucinações. Isso o torna uma bomba relógio para cometer algum crime, do qual ele realmente acaba sendo acusado ao final da primeira temporada. A primeira temporada segue uma organização própria de séries criminais, em que cada episódio apresenta um novo crime, um novo assassinato, que é investigado pela equipe do FBI e pelo Hospital de Baltimore para criminosos insanos.

A relação que se estabelece entre Will e Hannibal ainda nessa primeira temporada é uma relação de reconhecimento de uma nova pessoa, a formação de uma amizade. Will não tem consciência ainda da influência que Hannibal tem sobre sua personalidade, sobre seu psicológico, assim como não tem consciência do perigo que a terapia e os métodos utilizados por Hannibal têm sobre ele. A doença de Will se desenvolve cada vez mais sob a observação de Hannibal.

A partir da segunda temporada, a intensidade da série aumenta. As relações se tornam cada vez mais obscuras e cheias de jogos mentais. É possível perceber uma transformação muito significativa em Will Graham nesse processo de conhecer Hannibal Lecter. Ao descobrir a verdadeira natureza de Hannibal, Will almeja vingança e justiça, embora não consiga mais se desvincular de Hannibal, com quem construiu laços. Há uma certa inversão de papéis na segunda temporada, em que Will, um inocente, é preso por ser acusado de assassinatos que não cometeu; e Hannibal, um assassino, que ajuda o FBI nas investigações, assumindo o lugar de Will.

Essa segunda temporada se divide em duas partes. A primeira acompanha a passagem de Will pela prisão, quando ele usa de todos os meios possíveis para atingir Hannibal de dentro de seu cárcere. A segunda parte conta com Will já liberto, retomando a terapia com Hannibal. E nesse momento há uma maior aproximação entre os dois protagonistas, que desenvolvem uma amizade incomum. Seus encontros começam a ter cada vez mais conversas obscuras, que deixam muitas confissões implícitas. Todos os seus diálogos passam a ter um sentido oculto, que está claro apenas para os dois. Essa relação se desenvolve e se torna quase romântica em alguns momentos, como quando Hannibal sugere que os dois fujam juntos.

Will passa a trabalhar como um agente duplo, mantendo uma relação cada vez mais profunda com Hannibal, mas ainda trabalhando para o FBI para capturar o assassino, que ele sabe ser Hannibal. Sua situação como agente duplo se torna complicada, pois ele não deixa de ser afetado por sua relação com Hannibal, que cada dia o influencia mais e aos poucos muda sua forma de pensar. Ao final da segunda temporada, o confronto que ocorre entre Will e Hannibal quase mata Will e mata Abigail, personagem central no enredo e na relação dos dois.

Na terceira temporada, é apresentada também uma nova face de Hannibal, e são evidenciadas novas habilidades dele. Ele não trabalha mais como terapeuta. Agora é um curador em um espaço cultural na Itália, tendo como estudo a obra de Dante Alighieri. Ele assume essa nova vida, tentando se estabelecer, ao lado de sua própria terapeuta Bedelia DuMaurier, a quem levou junto para essa nova vida.

Hannibal e Will agora estão em lugares diferentes, com Will ainda se recuperando de seu encontro anterior a Hannibal, no qual quase morreu. Nesse último momento em que se encontram, Hannibal sente que foi traído por Will, e Will sente uma espécie de culpa por ter traído aquele que agora considera seu amigo.

Quando volta para Baltimore, Hannibal é aprisionado e a história do Dragão Vermelho é iniciada.

3 - O duplo como resposta da adaptação

É possível perceber, em diversos momentos da narrativa literária, a presença de elementos que podem ser colocados como indicativos da presença do duplo, ou da ideia dele. O personagem Will Graham é visto por todos na narrativa como diferente, como alguém capaz de colocar-se como o outro, de fazer associações aparentemente impossíveis. Jack Crawford, quando o tira de sua vida tranquila na praia para auxiliar na captura de um novo assassino, evidencia essa sua habilidade dizendo, no diálogo que eles têm:

- Não acho que eu tenha muita utilidade para você, Jack. Nunca mais me preocupei com isso.
- Mesmo? Você pegou dois. Os dois últimos foi você quem pegou.
- Como? Fazendo a mesma coisa que você e os outros estão fazendo.
- Não é bem assim, Will. É a sua maneira de pensar.
- Acho que tem havido muita conversa fiada sobre minha maneira de pensar.
- Você conseguiu coisas que nunca explicou (HARRIS, 2018, p. 13).

Jack está constantemente lembrando Will de que ele pensa de modo especial, na tentativa de evidenciar que ele é a melhor chance do FBI para capturar os assassinos em série, pois foi ele quem prendeu os dois últimos assassinos pegos pelo FBI. Will sente-se relutante em deixar a vida tranquila com sua família, mas sabe que não conseguirá ter paz se os assassinatos seguirem acontecendo.

No segundo capítulo, são apresentadas diversas ocasiões em que a instabilidade e a complexidade de Will se tornam evidentes. Ao chegar à cena de crime pela primeira vez, Will experimenta uma sensação de desespero por retornar àquela situação:

Graham subiu numa janela e sentou-se no parapeito. Abraçou os joelhos, sentindo a camisa fria colar-se em suas costas, e espirrou o cheiro de assassinato... Graham tinha muitos problemas de gosto. Frequentemente, seus pensamentos não eram de bom gosto. Não havia compartimentos estanques em sua mente. O que ele via e aprendia misturava-se com tudo mais. Algumas dessas combinações era de difícil convívio. Mas não podia prevêê-las, bloqueá-las e reprimi-las. Seus valores de decência e decoro prosseguiram, chocados com suas associações, apavorados com seus sonhos; uma pena que na arena de ossos do seu crânio não houvesse

fortalezas para o que ele amava. Suas associações chegavam com a velocidade da luz. Seus julgamentos de valores mantinham-se sempre no passo de uma leitura correspondente. Nunca conseguiram segurar e dirigir seu pensamento.

Encarava sua própria mentalidade como grotesca, porém útil, como uma cadeira feita de chifres. Não podia fazer nada (HARRIS, 2018. p. 26).

O capítulo em que é mais evidente a presença implícita da ideia do duplo é o capítulo sete, no qual Will visita Hannibal na prisão. Nesse processo, percebe-se a influência que Hannibal exerce em Will, mesmo depois de anos desde a captura dele. Will sente seu estado psicológico invadido quando está na companhia de Hannibal, e sua presença na mente de Will é inevitável para ele. Em diversos momentos nesse capítulo, Hannibal fala como se visse Will como uma parte sua, ou como alguém semelhante, como nas seguintes passagens: “- Você veio aqui apenas para me ver. Para sentir o velho cheiro novamente, hein? Porque não cheira a si mesmo?” (HARRIS, 2018, p. 79), ou em: “- O motivo pelo qual me pegou é sermos *exatamente iguais*” (HARRIS, 2018, p. 80).

Hannibal vê Will como um semelhante, pois foi a única pessoa capaz de capturá-lo. Chilton, o responsável pelo hospital em que Hannibal está preso, fala para Will: “- O senhor lhe é muito familiar. Ele pensa muito no senhor” (HARRIS, 2018, pg. 73). Há outra frase de Chilton que evidencia a maneira como Will parece ser capaz de compreender Hannibal, como ninguém foi capaz antes: “- O consenso a respeito dele é que a única pessoa que demonstrou uma compreensão prática de Hannibal Lecter foi o senhor, Sr. Graham” (HARRIS, 2018, pg.74).

Outro aspecto interessante de se perceber é a maneira como Will parece não saber de que maneira se sente quando está perto de Hannibal, pois, mesmo parecendo desconfortável e apreensivo, ainda assim parece gostar dessa sensação: “Estava tonto e ao mesmo tempo temia perder a tontura” (HARRIS, 2018, p.80). Essa relação de dualidade acompanha Will sempre que ele está na presença de Hannibal, fazendo com que pareça que Will precisa esforçar-se muito para que Hannibal não o influencie: “Graham queria ver Dr. Lecter adormecido. Precisava de tempo para se concentrar. Se sentisse a loucura de Lecter na sua cabeça, teria de contê-la rapidamente, como uma hemorragia” (HARRIS, 2018, p.74).

Will também sabe que está suscetível aos métodos de Hannibal, pois mostra estar sempre tentando se proteger: “Graham sentiu como se Lecter estivesse lendo

através do seu crânio. Sentia a atenção dele como uma mosca voando no fundo de sua cabeça” (HARRIS, 2018, p.76).

Ao sair da prisão, Will sente como se Hannibal ainda estivesse ao seu lado. É como se Will visse Hannibal em si: “Teve a sensação absurda de que Lecter saíra com ele. Parou na parte externa da entrada e olhou em volta, para ter certeza de que estava só” (HARRIS, 2018, p.80).

Observando essas passagens, é possível notar uma dualidade no personagem Will. Ele parece saber que é suscetível à influência de Hannibal, assim como está o tempo todo tentando lutar contra uma força interior que faz parte de sua natureza, porém não é aceita por ele.

O que ocorre no seriado produzido por Bryan Fuller é um aprofundamento nessa dualidade presente no personagem Will Graham. Will, desde o início, é posto como um personagem instável. E sua complexidade não é difícil de ser notada. Ao colocar-se no lugar do assassino, Will imagina-se matando. Essa sua imaginação aguçada acaba sendo posta em prática constantemente. Will passa muito tempo colocando-se no lugar do assassino, estando sob a terapia de Hannibal Lecter.

Will é visto pelos outros personagens da série, desde o início, como instável, pois parece estar constantemente desconfortável com a presença de outras pessoas e com o que acontece em sua volta. Suas habilidades como investigador também intrigam as pessoas à sua volta.

Há um contraste evidente entre os personagens Will e Hannibal. Esse contraste é explorado de maneira bastante clara na série. Will é um personagem descrito como instável, mostra-se sempre desconfortável em meio às pessoas, veste-se de modo modesto, sem chamar atenção para si. Ao contrário, parece tentar se esconder. A vida que tenta levar também é simples, em uma casa isolada, com seus cães, pescando e dando suas aulas na academia do FBI.

Figuras 1e 2: Hannibal, de Bryan Fuller. Temporada 1.



Fonte: Hannibal, temporada 1.

Quando o personagem de Hannibal é apresentado, a imagem criada dele é quase totalmente oposta. Ele é um personagem muito amigável com as pessoas com quem se relaciona, e bastante querido por elas. Convida essas pessoas com bastante frequência para jantares em sua casa, nos quais serve comidas sempre surpreendentes; nota-se que o personagem preza por uma vida social ativa. Hannibal mantém sempre uma postura muito elegante. As roupas que usa estão sempre impecáveis, assim como sua aparência em geral. Sua casa é muito sofisticada, assim como tudo o que há nela. Até mesmo nos momentos em que comete seus crimes Hannibal mantém sua sofisticação. Esse contraste é característico do problema do duplo. Will e Hannibal podem ser caracterizados como duas faces da mesma moeda, pois contrastam em suas aparências, porém se parecem em muitos aspectos no seu interior.

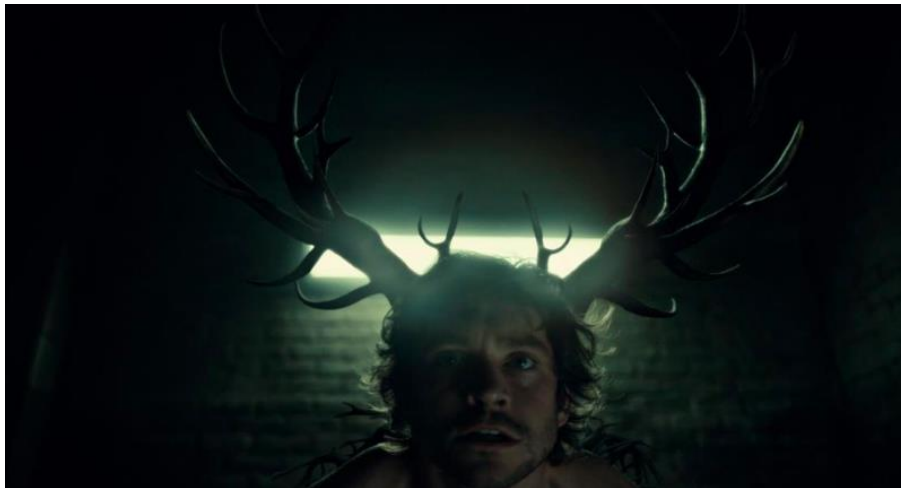
O que ocorre também é uma oposição entre quente e frio quando os personagens aparecem. Will sofre de febre durante toda a primeira temporada e está sempre encharcando suas roupas e sua cama de suor. Essa sensação de calor emanada por esse personagem também se percebe em seu modo de vida. Sua casa com seus cães, que dormem com um aquecedor, e a luminosidade aconchegante que sempre há nela. Já a presença de Hannibal é caracterizada pela presença de cores frias.

A partir da segunda temporada, a questão do duplo, que caracteriza esses dois personagens, de acordo com este trabalho, tem seu máximo desdobramento. Will, após ser injustamente condenado pelos crimes de Hannibal, é preso no hospital para mentes criminosas. Nesse momento, ele já está ciente de que os crimes foram cometidos por Hannibal, e então planeja sua vingança. Estando preso, não há muito que Will possa fazer, porém ainda assim encontra uma maneira de atingir Hannibal. Conseguindo entrar em contato com um admirador seu, Will dá a ele uma tarefa: matar Hannibal.

Will, que até aquele momento, havia apenas sido uma peça no jogo de Hannibal, começa também a jogar. Enquanto no livro há um Will apenas sendo atingido pelas tentativas de Hannibal atacar a ele e sua família, na série há um jogo mútuo entre eles. Hannibal joga a culpa de todos os assassinatos para Will e, para se vingar, Will tenta mata-lo. No momento em que seu pedido está sendo posto em prática, Will sabe que está mudando.

A imagem do cervo e dos seus chifres acompanha a imaginação de Will desde a primeira temporada, pois ela está ligada ao assassino Garret Jacob Hobbs, a quem ele matou, e a seu imitador, que é Hannibal. Quando Will manda um assassino atrás de Hannibal, ele tem alucinações de que chifres estão saindo de sua nuca e suas costas, como se ele estivesse se tornando o que Hannibal é. Não apenas um assassino, mas como Hannibal. É como se Will estivesse se tornando Hannibal.

Figura 3: Hannibal, de Bryan Fuller. Temporada 2.



Fonte: Hannibal, temporada 2.

Hannibal parece refletir exatamente o que Will não aceita dentro de si. Essa é uma das ideias centrais da teoria do duplo, em que um **eu** não aceita sua própria natureza, por isso transfere essa parte de sua natureza para um outro eu, seu duplo. Em Hannibal, o duplo que Will encontra é Hannibal, que espelha uma parte de sua natureza que ele se recusa a aceitar.

Ao colocar Hannibal como o duplo de Will, torna-se possível visualizar outros momentos da série em que suas ações se espelham, mostrando como os dois possuem diversas semelhanças, e como a série buscou evidenciar essas semelhanças entre ambos. Assim que Will e Hannibal tornam-se próximos, Will passa a modificar sua aparência, sua maneira de vestir, seu cabelo, tornando-os parecidos com Hannibal.

Há momentos em que essa semelhança se estende à fala, e seus diálogos parecem ser apenas um monólogo, onde apenas uma pessoa está falando, pois as falas se complementam. Uma cena da segunda temporada mostra essa fusão de sua fala com bastante clareza. Em um de seus encontros na casa de Hannibal, ambos

estão conversando, e a câmera é focada em Will falando enquanto a voz de Hannibal é ouvida, e é focada em Hannibal quando a voz de Will é ouvida. Essa cena coloca um como sendo o mesmo que o outro, como tendo os mesmos pensamentos e desejos:

Will studies Hannibal a moment, then:

WILL GRAHAM How much reality has had to be slandered? How many lies have had to be sanctified? How many consciences devastated?

HANNIBAL As many as were necessary.

WILL GRAHAM You sacrificed Abigail. You cared about her as much as I did.

HANNIBAL More (FULLER, 2014).

Quando Hannibal é preso, assim como no livro, Will deixa o FBI e constrói uma família, com a qual mora em uma casa afastada. Quando Jack vem buscá-lo para auxiliar na captura de um novo assassino, tirando-o de sua vida com sua família, Will reencontra Hannibal. Quando ocorre a fuga de Hannibal da prisão, Will e ele vão para uma casa de Hannibal, e lá são encurralados pelo assassino que estão perseguindo, o Dragão Vermelho. Em uma luta em que Will e Hannibal unem suas forças contra o Dragão, ambos parecem entregar-se àquele momento como algo já há muito desejado. Will deixa que sua natureza, que espelha a de Hannibal, se sobressaia:

Hannibal staggers toward the edge of the bluffs and regards the ocean a moment before turning back to face Will.

HANNIBAL See. This is all I ever wanted for you, Will. For both of us.

WILL GRAHAM It's beautiful.

A moment as Will considers the brutal pack hunting he shared with Hannibal Lecter. He genuinely feels it is beautiful (FULLER, 2015).

Após admitir de que maneira se sentiu matando ao lado de Hannibal, Will decide tirar a vida de Hannibal, e também a sua, puxando os dois para o penhasco ao qual estão ao lado. Will parece saber que não pode matar Hannibal e continuar vivo, como também parece saber que precisa matar Hannibal, pois ele representa um lado sombrio seu. Porém, não pode viver sem esse seu lado.

A morte é o final esperado quando se fala da teoria do duplo, e ela costuma ser o suicídio com o intuito de matar o outro. Em *Hannibal* é o que acontece, quando Will mata seu duplo e com isso também tira a própria vida. Esse é o desfecho mais esperado quando se trata dessa teoria.

Conclusão

Tendo como base uma obra literária e sua adaptação televisiva, são muitas as leituras possíveis de se fazer. Neste trabalho, resultado de minha dissertação de mestrado, escolhi analisar de que maneira a teoria do duplo, amplamente utilizada na literatura e no cinema, apareceu como resposta a diversas particularidades desta obra literária e em sua recriação audiovisual.

Dragão Vermelho e *Hannibal* são obras que possuem particularidades impressionantes, dentro das especificidades de cada plataforma. São apresentados personagens complexos e bem elaborados, os quais prendem a atenção e a curiosidade do espectador. Will e Hannibal são personagens com muitas características marcantes e diferentes, mas que acabam se fundindo no decorrer da obra, principalmente na série de Bryan Fuller.

Will e Hannibal espelham um ao outro em diversos momentos. O contraste entre ambos é evidenciado no início e posteriormente suas personalidades tornam-se muito semelhantes. E foi possível analisar esse processo de tornar-se semelhante utilizando a teoria do duplo, quando Will começa a parecer cada vez mais com Hannibal.

Analisando personagens como esses, são muitas as interpretações possíveis, e a teoria do duplo pôde ser utilizada como base teórica para uma análise completa desses personagens. Foi possível utilizar muitas das particularidades dessa teoria para a leitura deles, como a fragmentação, o reflexo e a morte.

Referências bibliográficas

- ECO, Umberto. *Obra Aberta*. 8ª ed. São Paulo: Editora Perspectiva S.A, 1991.
- HARRIS, Thomas. *Dragão Vermelho*. 1ª ed. Rio de Janeiro: Record, 2018. Tradução: José Sanz. Recurso digital.
- RANK, Otto. *O duplo*. Porto Alegre: Dublinense, 2013.
- STAM, Robert. Teoria e prática da adaptação: da fidelidade à intertextualidade. *Ilha do desterro*. Nº 51. Pp 19 – 53. 2006.
- WILDE, Oscar. *O retrato de Dorian Gray*. Tradução: Paulo Schiller. 1ª ed. São Paulo, Penguin Classics Companhia das Letras, 2012.

Referência Televisiva:



FULLER, Bryan. *Hannibal*. Produção: Bryan Fuller; Martha De Laurentis. Criação: Bryan Fuller. Estados Unidos, 2013-2015.